



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE MATEMÁTICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

ELIZABETH DOS SANTOS LIMA

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO CONTEXTO PARA
APRENDER A SER PROFESSORA DE MATEMÁTICA**

CASTANHAL - PA

2025

ELIZABETH DOS SANTOS LIMA

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO CONTEXTO PARA APRENDER A SER
PROFESSORA DE MATEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão avaliadora da Faculdade de Matemática da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Castanhal, sob a orientação do Prof. Dr. Fabio Colins da Silva, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciada em Matemática.

CASTANHAL - PA

2025

ELIZABETH DOS SANTOS LIMA

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO CONTEXTO PARA APRENDER A SER
PROFESSORA DE MATEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão avaliadora da Faculdade de Matemática da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Castanhal, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciada em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Colins da Silva.

Belém-PA, 27 de março de 2025.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fabio Colins da Silva (FEMCI/UFPA)

Orientador – Presidente

Prof. Dr. Marcos Vinícius Orguen Gouvêa (FAMAT/UFPA)

Avaliador Interno

Profa. Ma. Amanda das Mercês Oliveira Flor (PPGECM/UFPA)

Avaliador Externo

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, cuja presença e amor me fortaleceram nos momentos de dúvida e desânimo. Quando pensei em desistir, Ele colocou ao meu lado pessoas especiais que me apoiaram e incentivaram a seguir em frente.

À minha família, pelo amor, apoio e compreensão ao longo desta caminhada. Em especial, à minha mãe e meu esposo, Márcio Leitão, por sua paciência, incentivo constante e amor incondicional.

Às minhas queridas amigas Fabiane, Ana, Célia, Daiane e Elizângela, pela amizade sincera, apoio inabalável e motivação em cada etapa desse percurso.

Aos meus professores, que compartilharam conhecimento, dedicaram tempo e incentivaram o pensamento crítico, contribuindo imensamente para a minha formação acadêmica e profissional.

Em especial, ao meu professor do ensino médio, Marcelo Duarte, que acreditou no meu potencial e me ajudou a dar o primeiro passo rumo à graduação em Matemática. Foi ele quem me incentivou a fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), me deu a notícia da minha aprovação na universidade e esteve ao meu lado no momento de levar a documentação para realizar a matrícula. Sua dedicação e apoio foram fundamentais para que eu pudesse realizar esse sonho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Fábio Colins da Silva, pela orientação cuidadosa, paciência e compartilhamento de conhecimento, que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas de turma e amigos, pela parceria, colaboração e incentivo ao longo dessa jornada acadêmica.

Aos motoristas de ônibus e vans que me acompanharam diariamente nas idas e vindas para a Universidade Federal do Pará, pela segurança, pontualidade e companhia, que tornaram o trajeto mais tranquilo e acessível.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para essa conquista, meu mais sincero agradecimento.

Muito obrigada!

Dedicatória

Dedico este trabalho com o coração repleto de gratidão àqueles que foram essenciais na minha caminhada.

Ao meu amado esposo, Márcio Leitão Mesquita, cuja presença constante e amor inabalável transformaram cada desafio em uma lição e me impulsionaram a buscar sempre o melhor de mim mesma.

Aos meus pais, por me fornecerem as bases e a coragem para sonhar e trilhar meus caminhos, ensinando-me que a determinação e o amor são as forças que movem o mundo.

Ao professor Marcelo Duarte, cuja paixão pelo ensino e dedicação foram o farol que iluminou o meu ingresso na faculdade, despertando em mim o desejo de aprender e de superar limites.

Dedicado à minha segunda mãe, Maria Lucinalva que me cuidou com amor e carinho durante esses anos de curso. Sua presença, apoio e dedicação foram fundamentais para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Obrigado por ser uma fonte de inspiração e amor em minha vida.

Cada um de vocês marcou minha trajetória de forma única e inesquecível. Este trabalho é um tributo à inspiração e ao apoio que recebi em cada etapa desta jornada.

Resumo

O estágio deve ser considerado como um trabalho de formação coletivo, pois o professor formador, o professor regente e o estagiário compartilham de experiências e saberes necessários à docência. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi refletir sobre as experiências formativas vividas durante o estágio supervisionado, destacando os desafios e as aprendizagens adquiridas ao longo do processo. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando relatos das vivências da estagiária em turmas de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de sua atuação inicial na gestão escolar. Os resultados mostraram que o estágio proporcionou um entendimento mais profundo da prática docente, com foco na adaptação de metodologias para atender às necessidades individuais dos alunos, incluindo aqueles com deficiências. Constatou-se que a prática pedagógica exige do professor habilidades de observação, empatia e adaptação de estratégias, fundamentais para promover um ambiente inclusivo. A pesquisa conclui que o estágio supervisionado é fundamental para a formação docente, oferecendo uma oportunidade para que os futuros professores desenvolvam competências para lidar com a diversidade e se tornem agentes de mudança no processo educacional.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Formação docente. Ensino de Matemática. Inclusão educacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE	10
1.1 O Estágio Supervisionado como Espaço de Articulação entre Teoria e Prática	10
1.2 O Estágio na Formação do Professor de Matemática	12
1.3 Aspectos Teóricos sobre a Educação Matemática Inclusiva	14
CAPÍTULO 2: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	17
2.1 O Contexto da Investigação	17
2.2 O Processo de Construção das Informações	18
CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
3.1 Aprendizagens no Contexto do Estágio Supervisionado I	21
3.2 O Estágio Supervisionado e a Educação Inclusiva	22
3.3 O Aprender a Ser Professor na EJA	31
3.4 O Docente de Matemática inserido no Ensino Médio	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é uma das etapas mais significativas na formação de professores de Matemática, pois envolve teoria e prática no contexto do ensino dessa disciplina. Durante a graduação, os futuros professores passam por uma preparação teórica robusta, mas, muitas vezes, não há uma preparação suficiente para lidar com os desafios reais da sala de aula. Por isso, o estágio é essencial, pois oferece a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos de forma prática, preparando o licenciado para enfrentar as complexidades do ensino. Essa vivência, além de ser uma ponte entre a teoria e a prática, é uma forma de aprimorar a atuação pedagógica, permitindo que o estagiário se desenvolva não apenas como especialista em conteúdo, mas também como mediador da aprendizagem dos alunos.

O estágio realizado foi dividido em diferentes momentos e contextos. A primeira fase, focada na gestão escolar, ocorreu de 29 de março a 14 de abril de 2023, proporcionando uma visão importante sobre os aspectos administrativos da escola. A segunda fase, com turmas de 6º ano A/B, se deu de 24 de agosto a 26 de outubro de 2023, sendo uma fase crucial para a aplicação de estratégias matemáticas no Ensino Fundamental. A experiência com turmas de EJA, na 3ª e 4ª etapa, ocorreu entre 24 de abril e 20 de junho de 2024, trazendo à tona desafios específicos relacionados à inclusão e ao resgate do conhecimento de adultos em processo de aprendizagem. Por fim, o estágio com a turma do 1º ano do Ensino Médio, realizado de 26 de agosto a 4 de outubro de 2024, ofereceu uma oportunidade de reflexão sobre as diferentes abordagens pedagógicas necessárias para atender a turmas com perfis diversos.

O objetivo deste estudo é refletir sobre as experiências formativas vividas durante o estágio supervisionado, destacando os desafios e as aprendizagens adquiridas ao longo do processo. Buscamos compreender e explicar como as metodologias de ensino utilizadas impactaram o aprendizado dos alunos e como a prática pedagógica foi ajustada de acordo com as necessidades de cada turma. A relevância dessa pesquisa se encontra na importância de se criar uma formação docente que seja tanto teórica quanto prática, permitindo que o futuro professor aprenda a lidar com a realidade da sala de aula, onde as dificuldades e os desafios são diversos.

A problematização do tema envolve a reflexão sobre a eficácia das metodologias de ensino adotadas nas diferentes turmas e sobre a interação entre o professor e seus alunos. Como essas metodologias realmente funcionam na prática? Entre elas, destaca-se a aprendizagem baseada em problemas (PBL), que incentiva a autonomia e o pensamento crítico ao colocar os estudantes como protagonistas na resolução de desafios. Outra abordagem importante é o ensino diferenciado, que adapta estratégias para atender os diversos ritmos de aprendizagem, utilizando atividades variadas e recursos visuais, auditivos e práticos para facilitar a compreensão dos conteúdos. Elas atendem às necessidades dos alunos e favorecem o aprendizado? E a comunicação entre professor e aluno, como se dá em uma turma diversa, com diferentes dificuldades e perfis de aprendizagem? Essas são algumas das questões que guiaram a pesquisa e que serão discutidas ao longo deste trabalho.

A metodologia de pesquisa utilizada consistiu em observação das aulas, regência das turmas, elaboração de planos de aula e constante reflexão sobre as práticas pedagógicas. Essa abordagem permitiu analisar de forma qualitativa o impacto das práticas da estagiária, sendo aqui, a autora, sobre os alunos e, ao mesmo tempo, refletir sobre os ajustes necessários nas metodologias e práticas adotadas. Em última análise, este estudo busca contribuir para a formação de professores mais conscientes de suas ações em sala de aula, que saibam refletir sobre sua prática e que estejam preparados para lidar com as diversas situações que surgem no cotidiano escolar.

Em resumo, o estágio supervisionado, ao proporcionar uma vivência prática, vai além de uma simples experiência de ensino. Ele é uma oportunidade de crescimento e aprimoramento para o futuro professor, permitindo-lhe entender a complexidade da prática docente e a importância de se adaptar constantemente às necessidades dos alunos. A experiência vivida nas turmas de diferentes etapas e contextos educacionais enriqueceu essa formação, tornando-a mais significativa e preparando o professor para os desafios da profissão. E proporciona uma vivência prática, vai além de uma simples experiência de ensino, sendo essencial para a formação do professor de Matemática. Essa experiência permite ao licenciando compreender a complexidade do ensino da disciplina, desde a adaptação de metodologias até a busca por estratégias que tornem os conteúdos mais acessíveis aos alunos.

Ao atuar em diferentes etapas e contextos educacionais, o estagiário se depara com desafios como as dificuldades dos alunos com conceitos matemáticos, a necessidade de tornar a aprendizagem mais significativa e o uso de abordagens que favoreçam a participação ativa. Esse contato direto com a prática contribui para a construção de uma postura reflexiva e crítica, preparando o futuro professor para os desafios específicos do ensino de Matemática e para a busca constante por metodologias eficazes.

CAPÍTULO 1

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado se configura como uma das etapas mais relevantes na formação do professor, pois se alinha com as ideias apresentadas por Pimenta e Lima (2008). No livro "Estágio e docência", as autoras destacam que o estágio supervisionado é fundamental na formação docente, pois permite a articulação entre teoria e prática, contribuindo significativamente para o desenvolvimento profissional do futuro professor, e é nele que os futuros educadores têm a oportunidade de vivenciar a realidade escolar e de testar a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação teórica.

Esse momento de prática pedagógica, que articula teoria e prática, torna-se essencial não apenas para o desenvolvimento de competências técnicas, mas também para a construção da identidade profissional do docente. A seguir, abordaremos os aspectos teóricos que fundamentam a importância do estágio na formação docente, divididos em subseções que exploram o papel do estágio, a teoria e a prática, o desenvolvimento da identidade docente e as especificidades da formação em Matemática.

1.1 O Estágio Supervisionado como Espaço de Articulação entre Teoria e Prática

O estágio supervisionado é um momento de grande relevância na trajetória do futuro educador. Ele funciona como um campo de aplicação das teorias pedagógicas, no qual o estagiário é desafiado a transformar o conhecimento acadêmico em práticas reais de ensino. Segundo Pimenta e Lima (2011), o estágio é um "espaço privilegiado de articulação entre a teoria e a prática", no qual os futuros professores começam a experimentar o ambiente escolar de maneira direta. Nessa perspectiva, o estágio permite que o estudante perceba as dificuldades e os desafios da profissão, mas também ofereça-lhe a oportunidade de amadurecer suas ideias sobre o ensino e de refletir criticamente sobre suas próprias práticas.

Além disso, o estágio oferece uma oportunidade única para o futuro professor vivenciar a complexidade da sala de aula. A inserção do estagiário no cotidiano escolar possibilita que ele desenvolva a habilidade de lidar com questões como a gestão da turma, as demandas do currículo e a diversidade de ritmos e necessidades dos alunos. Pimenta e Lima (2011) ressaltam que a experiência adquirida durante o estágio é um processo contínuo de aprendizagem, o qual envolve tanto a aplicação de estratégias pedagógicas quanto a construção de uma postura ética e reflexiva.

Diante disso, a formação de um professor de matemática, como qualquer formação docente, envolve o estudo de diversas teorias que visam preparar o educador para a complexidade do trabalho na sala de aula. A teoria pedagógica não se limita a um simples conhecimento técnico, mas abrange também a reflexão crítica sobre a prática. Moura e Santana (2021) afirmam que, além da vocação, os futuros professores precisam ter domínio das bases teórico-científicas que sustentam a prática pedagógica. No caso da Matemática, as teorias não se restringem apenas ao conteúdo específico da área, mas também às abordagens didáticas que tornam o ensino dessa disciplina mais eficaz e significativo para os alunos.

No entanto, como alerta D'Ambrósio (2020), a teoria matemática que é muitas vezes ensinada nas escolas tende a ser desconectada da realidade dos estudantes e das demandas da sociedade contemporânea, ele aponta a falta de aplicação prática, a ênfase na memorização e a pouca integração com áreas modernas como tecnologia e estatística, isso torna o aprendizado menos significativo e útil para a vida e o ensino de Matemática muitas vezes se apega a métodos tradicionais, que nem sempre se mostram atrativos ou relevantes para os alunos. O estágio supervisionado, portanto, assume um papel crucial na formação do professor, pois é nele que o futuro educador tem a chance de aplicar os conhecimentos teóricos, refletir sobre eles e adaptá-los às necessidades reais da sala de aula.

Sobre a relação entre teoria e prática no contexto do estágio de docência, Pimenta e Lima (2011, p. 45) afirmam que “a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso”. Por outro lado, nesta pesquisa o estágio é considerado como uma oportunidade de o futuro professor de matemática refletir a partir da realidade da escola, da sala de aula.

Durante o estágio, o futuro professor é incentivado a experimentar novas abordagens pedagógicas, utilizando métodos e recursos mais dinâmicos, interativos

e alinhados aos interesses dos alunos. Esse processo de adaptação e inovação, como destacam Pimenta e Lima (2011), contribui para o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais criativa e eficaz. Portanto, a articulação entre teoria e prática no estágio é um processo essencial para a formação de professores competentes e preparados para os desafios do ensino contemporâneo.

1.2 O Estágio na Formação do Professor de Matemática

A formação docente não diz respeito apenas à aquisição de conhecimentos e habilidades pedagógicas, mas também à construção da identidade profissional do educador. O estágio supervisionado desempenha um papel central nesse processo, pois é durante essa vivência prática que o futuro professor começa a solidificar sua identidade profissional, suas crenças sobre a educação e sua postura diante dos alunos. Silvestre e Valente (2014) enfatizam que a experiência do estágio proporciona ao estagiário a oportunidade de refletir sobre suas atitudes e valores em relação ao ensino, além de possibilitar o contato direto com diferentes abordagens pedagógicas.

Esse processo de construção da identidade docente é dinâmico e contínuo, sendo influenciado pela interação com outros profissionais da educação e pela experiência prática adquirida no ambiente escolar. Durante o estágio, o professor em formação passa a se enxergar não apenas como alguém que transmite conhecimento, mas como um facilitador do aprendizado, ou seja, o professor facilita o aprendizado ao atuar como um guia que orienta e motiva os alunos a serem protagonistas do próprio processo de aprendizagem. responsável por criar um ambiente de ensino que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos.

O estágio é um trabalho de formação coletivo, pois o professor formador, o professor da escola e o estagiário compartilham de experiências e saberes necessários à docência. De acordo com Pimenta e Lima (2011, p. 57), no contexto do estágio supervisionado, “o desafio é proceder ao intercâmbio, durante o processo formativo, entre o que se teoriza e o que se pratica em ambas”, ou seja, o que se discute na universidade durante a formação inicial e o que se experiencia na escola (na sala de aula) durante o desenvolvimento do estágio.

Além disso, o estágio supervisionado permite ao futuro professor confrontar suas crenças pessoais com as exigências da prática pedagógica. A reflexão constante sobre a própria atuação, associada ao apoio dos supervisores e colegas de estágio, contribui para o aprimoramento das práticas e para a construção de uma postura ética

e reflexiva, característica de um educador comprometido com o desenvolvimento de seus alunos.

Há os desafios como o choque entre teoria e prática, a gestão da sala de aula e a necessidade de adaptar metodologias para atender alunos com diferentes níveis de aprendizado. Além disso, ele exige que o futuro professor reflita sobre suas próprias crenças pedagógicas, ajustando sua forma de ensinar conforme a realidade escolar. A falta de acompanhamento estruturado em algumas instituições pode dificultar esse processo, tornando o apoio de supervisores e colegas essencial. Apesar dessas dificuldades, o estágio proporciona um aprendizado valioso, permitindo que o licenciando desenvolva uma postura crítica e reflexiva, tornando-se mais preparado para os desafios da docência.

Nessa perspectiva, os currículos dos cursos de formação de professores de matemática poderiam começar, por meio dos estágios de docência, proporcionar atividades para o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a prática e na prática. Segundo Pimenta e Lima (2011, p. 51), “tirar do papel e tentar operacionalizar a ideia de professor reflexivo e pesquisador é o grande desafio das propostas curriculares dos cursos de licenciatura e dos planos de ensino dos professores formadores”. Por isso, os professores formadores ou supervisores de estágio deveriam propor atividades, é importante que o futuro professor reflita sobre sua prática e aprenda com a experiência. Isso pode acontecer de várias formas: observando aulas de outros professores e discutindo o que funcionou ou não, planejando e testando suas próprias aulas, enfrentando desafios reais da escola, explorando o uso de tecnologia no ensino e registrando suas experiências em um diário. Essas atividades ajudam a tornar o aprendizado mais concreto e preparam melhor os professores para a realidade da sala de aula e no estágio tem a finalidade de mobilizar conhecimentos acerca da docência a partir de situações vivenciadas e observadas nas escolas.

Nesse contexto, a formação do professor de Matemática exige, além do domínio do conteúdo da disciplina, a capacidade de pensar criticamente sobre como esse conteúdo será ensinado. A Matemática, por ser uma área tradicionalmente associada à abstração e à rigidez, requer uma abordagem pedagógica cuidadosa e adaptativa, capaz de despertar o interesse dos alunos e de tornar o aprendizado mais significativo. Barreiro e Gebran (2006) destacam que o estágio supervisionado, nesse contexto, é um espaço essencial para que o futuro professor teste diferentes métodos

de ensino e encontre formas de tornar a Matemática mais acessível e relevante para os alunos.

Durante o estágio, o estagiário é desafiado a desenvolver práticas pedagógicas que considerem as especificidades dos alunos e a diversidade de contextos. Essa experiência prática é fundamental para que o futuro professor compreenda a importância de uma abordagem diferenciada e capaz de atender às necessidades de todos os alunos. O estágio é, portanto, um laboratório pedagógico no qual o educador em formação pode, sob orientação, explorar diferentes estratégias de ensino e avaliar sua eficácia.

O estágio abre possibilidade para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas, nos sistemas de ensino e nas demais situações ou estimularem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvidos concomitantemente ou após o período de estágio (Pimenta e Lima, 2011, p. 52).

O estágio supervisionado também é um momento oportuno para o futuro professor refletir sobre as metodologias mais eficazes para o ensino de Matemática e adaptá-las às condições da sala de aula. A vivência prática permite que o estagiário perceba o impacto das escolhas pedagógicas na aprendizagem dos alunos e, com isso, refine suas habilidades como educador. De acordo com D'Ambrósio (2020), o estágio supervisionado é um momento de integração entre a teoria e a prática, no qual o futuro professor pode se apropriar de métodos pedagógicos inovadores e alinhados às necessidades dos alunos.

1.3 Aspectos Teóricos sobre a Educação Matemática Inclusiva

A inclusão no ambiente escolar representa um dos maiores desafios, como ensinar Matemática de forma inclusiva, pois cada aluno tem necessidades diferentes. O professor precisa adaptar os conteúdos para torná-los acessíveis, usando recursos visuais, manipulativos e tecnologia. Além disso, a falta de formação específica e de materiais adequados pode dificultar esse processo. Outro ponto importante é criar um ambiente acolhedor, onde todos se sintam valorizados. Durante o estágio, os futuros professores enfrentam essas dificuldades na prática, aprendendo a desenvolver estratégias mais inclusivas e eficientes, onde, ao mesmo tempo se torna uma das mais valiosas oportunidades para a formação de professores. No campo da Matemática, esse desafio adquire dimensões específicas, pois além de envolver estratégias pedagógicas diferenciadas, exige do docente sensibilidade e criatividade para tornar

conceitos muitas vezes abstratos acessíveis a todos os alunos, independentemente de suas condições ou necessidades. No contexto do estágio supervisionado, essa experiência se torna ainda mais marcante, pois os licenciandos não apenas aplicam seus conhecimentos, mas também vivenciam situações que os impulsionam a refletir sobre o papel transformador da educação inclusiva.

Nesta pesquisa, inclusão escolar é considerada como

[...] uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada (Mantoan, 2003, p. 32).

Compreende-se que o princípio fundamental da inclusão educacional está na possibilidade de uma educação gratuita e qualitativa para todos, evitando um sistema de ensino com profissionais e professores que se especializaram em alguns alunos (os com deficiência). A inclusão escolar requer uma escola para todos, com práticas pedagógicas diversificadas que considerem a heterogeneidade em sala de aula e professores que consigam ensinar sem excluir, que significa garantir que todos os alunos tenham oportunidades reais de aprendizado, respeitando suas diferenças. Para isso, o professor deve usar estratégias variadas, como adaptar materiais, diversificar as formas de avaliação e incentivar a cooperação entre os estudantes. Além disso, é importante flexibilizar o ensino para que cada aluno possa aprender no seu ritmo. O objetivo é criar um ambiente escolar acolhedor, onde ninguém fique para trás.

Nesse sentido, a educação inclusiva em Matemática pode ser analisada a partir de duas perspectivas distintas: a primeira, quando o professor entra em sala de aula já ciente de que há alunos com necessidades educacionais específicas; e a segunda, quando se depara com essas demandas de forma inesperada, sem uma preparação prévia. Ambas as situações exigem competências que vão além do domínio dos conteúdos matemáticos, desafiando os professores a desenvolverem habilidades como a empatia, a adaptação e a capacidade de observar e compreender as individualidades dos alunos.

As vivências durante o estágio supervisionado possibilitam refletir sobre como o ensino de Matemática pode ser um poderoso instrumento de inclusão ou exclusão, ao mesmo tempo em que desafia o professor a repensar suas abordagens pedagógicas. Segundo Vygotsky (1989, *apud* Rosa e Goi, 2024), "o aprendizado se

dá pela interação social e o desenvolvimento do sujeito é resultado da relação com o mundo e com as pessoas com as quais ele se relaciona". Cabe ao professor atuar como mediador nesse processo, criando condições para que todos os alunos, independentemente de suas limitações, possam se desenvolver. Essa perspectiva teórica, alinhada aos princípios defendidos por Mantoan, reforça a ideia de que a inclusão não é apenas um direito, mas também uma oportunidade de enriquecer o processo educacional como um todo, mostrando que:

O professor inclusivo não procura eliminar a diferença em favor de uma suposta igualdade do alunado - tão almejada pelos que apregoam a homogeneidade da sala de aula. Ele está atento aos diferentes tons das vozes que compõem a turma, promovendo a harmonia, o diálogo, contrapondo-as, complementando-as. (Mantoan, 2015 *apud* Marques, 2020)

A BNCC (2018) tem um papel fundamental na educação inclusiva, garantindo que o ensino de Matemática seja acessível e significativo para todos os alunos. O documento destaca que aprender matemática vai muito além de resolver contas — o foco deve estar no desenvolvimento de habilidades como resolver problemas, interpretar dados e conectar conceitos matemáticos ao mundo real. Para isso, a BNCC propõe que os alunos trabalhem com gráficos, tabelas, figuras e esquemas, relacionando essas representações com os conceitos matemáticos. Essa abordagem ajuda a tornar o aprendizado mais acessível, permitindo que todos os estudantes, inclusive aqueles com necessidades educacionais especiais, participem ativamente das aulas.

Além disso, a BNCC incentiva um ensino mais prático e interdisciplinar, aproximando a Matemática do dia a dia dos alunos e ajudando no desenvolvimento do pensamento lógico e crítico. Dessa forma, a escola se torna um espaço mais inclusivo, onde cada estudante pode explorar seu potencial e se sentir parte do processo de aprendizagem.

Para Mantoan (2003, p. 33) a educação inclusiva exige que os sistemas de ensino reorganizem as propostas pedagógicas das escolas, —abrindo espaços para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados nas escolas, por professores, administradores, funcionários e alunos, porque são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania. Para isso, as escolas precisam reconhecer e valorizar as diferenças em sala de aula e propor projetos educacionais inclusivos que busquem atender os alunos que não conseguem

acompanhar seus colegas de turma, por limitações que vão desde as deficiências até outras dificuldades específicas de aprendizagem.

Portanto, no estágio supervisionado, os futuros professores de Matemática aprendem a tornar o ensino mais inclusivo por meio de adaptações e metodologias diferenciadas. Eles utilizam materiais manipuláveis, como blocos e figuras em relevo, para ajudar na compreensão de conceitos abstratos. Além disso, exploram tecnologias assistivas, como softwares de leitura de tela e ferramentas interativas. A avaliação também é ajustada, com questões mais descritivas e atividades colaborativas. Outra estratégia é o uso de jogos e situações do cotidiano, tornando a Matemática mais acessível e envolvente. Com essas experiências, os licenciados desenvolvem sensibilidade e criatividade para ensinar de forma mais inclusiva.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O objetivo principal desta pesquisa foi refletir sobre as experiências formativas vividas durante o estágio supervisionado, destacando os desafios e as aprendizagens adquiridas ao longo do processo. A pesquisa foca no campo qualitativo, explorando as reflexões e percepções da estagiária durante os diferentes períodos de estágio. A experiência prática foi essencial para que a estagiária compreendesse não apenas a teoria, mas as dinâmicas do ambiente escolar e a complexidade da prática pedagógica.

Destaca-se que todos os estágios foram realizados em escolas públicas da rede de ensino estadual de Santa Maria do Pará, conforme observa-se a seguir.

2.1 O Contexto da Investigação

Durante o estágio nas turmas de 6º Ano A/B do Ensino Fundamental, houve um encontro com desafios significativos, incluindo a presença de alunos com Paralisia Cerebral (PCD), um estudante autista de grau moderado e outro com deficiência intelectual. A falta de um professor auxiliar aumentou a complexidade da situação. Contudo, as adversidades encontradas fizeram com que a experiência pudesse contribuir substancialmente para o crescimento profissional. É de se destacar aqui, que foi necessário desenvolver habilidades de comunicação e empatia, adaptando a forma de abordar os conteúdos para que todos os alunos, independentemente das suas necessidades, tivessem a chance de compreender e demonstrar o conhecimento. Também houve a aquisição do conhecimento de elaborar avaliações adaptadas, o que permitiu a capacitação de lidar com a diversidade de necessidades dos alunos, assegurando uma avaliação justa e eficaz (Relatório de Estágio Supervisionado II).

Diversos tipos de estágio supervisionado fizeram com que as experiências de vivência tivessem cada um suas especificidades e desafios. Os estágios ocorreram em diferentes turmas e modalidades de ensino: Gestão Escolar, Anos Finais do Ensino Fundamental, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Ensino Médio.

No Estágio na Gestão Escolar, houve uma imersão no funcionamento administrativo da escola, realizando atividades relacionadas ao gerenciamento e à organização da rotina escolar. Esse estágio, com início em 29 de março e término em 14 de abril de 2023, teve duração de 75 horas, distribuídas entre manhãs e tardes. Já o Estágio Anos Finais do Ensino Fundamental ocorreu nas turmas do 6º Ano A/B, a estagiária se envolveu tanto em atividades de observação quanto de regência. Esse estágio, realizado de 24 de agosto a 26 de outubro de 2023, foi marcado por 15 horas de observação e 30 horas de regência, permitindo uma imersão nas dinâmicas da sala de aula e na aplicação de conteúdos matemáticos em um contexto real de ensino.

No Estágio na EJA, realizado de 24 de abril a 20 de junho de 2024, também houve uma divisão de tempo entre observação e regência, com 15 horas de observação e 30 horas de regência. A experiência na EJA foi particularmente enriquecedora, pois houve a oportunidade de lidar com alunos que enfrentam dificuldades de aprendizagem, como mencionado em seu relato sobre as turmas de EJA. A professora da turma relatou que muitos alunos apresentam lacunas de conhecimento, muitos alunos chegam com dificuldades em conteúdos básicos, o que impacta no aprendizado de conceitos mais avançados. Alguns não dominam as quatro operações, o que dificulta cálculos simples como multiplicação e divisão. Outros têm problemas com frações e decimais, tornando tarefas do dia a dia, como dividir uma conta, mais complicadas. A interpretação de problemas também é um desafio, já que muitos não conseguem traduzir situações reais para a linguagem matemática. Além disso, a falta de prática com gráficos e tabelas prejudica a compreensão de dados. Essas dificuldades tornam o ensino mais lento e exigem que os professores adaptem suas aulas, revisando conteúdos e criando atividades extras para garantir que os alunos realmente aprendam antes de avançar, o que torna a progressão do conteúdo mais lenta. Isso exigiu uma adaptação constante e a criação de atividades extras para garantir que os alunos consolidassem os conhecimentos antes de avançar para tópicos mais complexos (Relatório de Estágio Supervisionado III).

Por fim, o Estágio no Ensino Médio, última etapa da Educação Básica, ocorreu em uma turma do 1º Ano, realizado de 26 de agosto a 4 de outubro de 2024, foi seguida a mesma dinâmica de observação e regência, focando no desenvolvimento de atividades mais complexas, com o objetivo de aplicar conteúdos mais avançados e acompanhar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no Ensino Médio.

2.2 O Processo de Construção das Informações

A coleta de dados foi realizada de maneira contínua e reflexiva ao longo dos períodos de estágio. Foi necessário e até bem-vindo, fazer registros diários e relatórios detalhados sobre suas observações e experiências em cada uma das turmas. Assim, os dados foram coletados a partir desses relatos, que foram construídos com base nas experiências vividas, reflexões pessoais e análises críticas sobre as metodologias utilizadas.

Embora a coleta tenha se baseado principalmente em observações e reflexões da autora deste trabalho, o processo de acompanhamento foi fundamental. A orientação constante do professor regente da turma foi de grande ajuda para refletir sobre as práticas docentes e a identificar pontos de melhoria, ele ajudou a entender a dinâmica da turma, identificar desafios e aprimorar as estratégias de ensino. Além disso, a troca de experiências permitiu reflexões importantes sobre a prática docente, tornando o aprendizado mais significativo e contribuindo para o desenvolvimento profissional da estagiária. As observações em sala de aula, tanto durante o estágio de observação quanto durante a regência, serviram como base para a análise qualitativa dos dados.

Para a realização do estágio, foi seguido todos os procedimentos formais exigidos pela instituição de ensino, garantindo o consentimento da escola e das turmas envolvidas. Inicialmente, foram apresentados os documentos emitidos pela Universidade Federal do Pará (UFPA) para as instituições de ensino, com o objetivo de formalizar o consentimento para a realização do estágio. Esse procedimento foi essencial para garantir que a autora pudesse atuar nas turmas sem impedimentos legais ou administrativos.

Além do consentimento institucional, foi necessário obter o consentimento dos alunos. Há de se notar que foi necessária uma abordagem de consentimento verbal com os estudantes, que concordaram em participar das atividades, sendo informados sobre o objetivo do estágio e sobre a natureza das intervenções realizadas. Em algumas turmas, como na EJA, o ambiente não foi tão caloroso em termos de aceitação inicial, mas esforços foram feitos para estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuo com os alunos.

A análise dos dados foi realizada principalmente a partir da reflexão crítica da autora, registrada nos relatórios finais de cada estágio. A etapa de pós-estágio foi

especialmente relevante, pois permitiu que houvesse a consolidação do aprendizado adquirido ao longo do processo, refletindo sobre como as decisões e ações tomadas durante as aulas contribuíram para seu desenvolvimento profissional. Essa reflexão foi essencial para que fosse possível transformar as experiências práticas em aprendizagens significativas, destacando os pontos de sucesso e as áreas que precisavam de melhorias.

O processo culminou na elaboração do relatório final, que não apenas marcou o encerramento do estágio supervisionado, mas também representou um passo importante na formação da autora como futura professora de Matemática. A análise da prática docente e a reflexão crítica sobre as estratégias de ensino adotadas reforçaram a importância de avaliar constantemente o trabalho na sala de aula, permitindo que fosse aprimorada a prática de ensino, permitindo um crescimento profissional.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estágio supervisionado foi um momento crucial em minha formação inicial como professora de matemática, pois possibilitou a articulação entre a teoria e a prática pedagógica. Este capítulo apresentaremos¹ os resultados obtidos durante as diferentes etapas do meu estágio supervisionado e discutiremos os principais achados desta pesquisa, conectando-os aos referenciais teóricos. Cada fase do estágio trouxe desafios e aprendizados distintos, os quais serão narrados e analisados a seguir.

3.1 Aprendizagens no Contexto do Estágio Supervisionado I

A etapa inicial do estágio supervisionado proporcionou uma compreensão aprofundada das dinâmicas da gestão escolar, permitindo que fosse vivenciado a complexidade administrativa por trás do funcionamento de uma instituição de ensino. A pesquisa de campo, realizada com base em questionários, destacou a relevância de documentos como o Projeto Político Pedagógico (PPP), que alinha o currículo escolar às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e às políticas estaduais.

O envolvimento com a gestão evidenciou que a escola funciona como uma sociedade cooperativa, exigindo uma articulação eficiente entre professores, alunos, pais e gestores. Questões aparentemente simples, como a elaboração de cronogramas ou a organização de eventos, mostraram-se desafiadoras, refletindo as nuances da administração escolar. Essa experiência revelou que a gestão não se limita a aspectos burocráticos, mas desempenha um papel estratégico na construção de um ambiente educacional propício ao aprendizado.

No Ensino Fundamental, a transição das observações para a prática ativa representou um marco no desenvolvimento profissional da autora. A aplicação de estratégias pedagógicas variadas, alinhadas à BNCC, demonstrou a importância de

¹ Por se tratar de um capítulo predominantemente narrativo, iremos utilizar a primeira pessoa do singular ou do plural.

adaptar o ensino às características específicas de cada turma. A interação diária com os alunos permitiu compreender suas necessidades individuais, fortalecendo a habilidade de criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e participativo.

Os desafios enfrentados no manejo da sala de aula fortaleceram as competências de gestão já adquiridas, em que foi preciso equilibrar autoridade e empatia. As orientações recebidas do professor supervisor foram fundamentais para ajustar as práticas pedagógicas, destacando a relevância do acompanhamento constante no processo de formação. A construção de planos de aula detalhados, com objetivos claros e atividades diversificadas, não apenas facilitou o engajamento dos alunos, mas também reforçou a importância do planejamento na prática docente.

3.2 O Estágio Supervisionado e a Educação Inclusiva

Durante o Estágio Supervisionado II, foi proporcionado uma imersão profunda na dinâmica de sala de aula e a oportunidade de aplicar conceitos teóricos de forma prática. As turmas apresentavam uma diversidade significativa, incluindo alunos com diferentes necessidades educacionais, como Paralisia Cerebral (PC), Transtorno do Espectro Autista (TEA) e deficiência intelectual.

Na turma do 6º ano A, especificamente, observou-se a presença de três alunos com necessidades especiais, sendo um com PC e surdez, outro com TEA de grau moderado, e um terceiro com deficiência intelectual. De forma semelhante, na turma do 6º ano B, três alunos com necessidades específicas chamaram a atenção, incluindo um aluno com PC associado à deficiência intelectual, outro com TEA e um terceiro aluno com autismo severo. A ausência de professores auxiliares em ambas as turmas representou um desafio adicional, exigindo uma adaptação constante nas práticas pedagógicas para garantir que todos os alunos participassem de forma ativa nas atividades.

Durante este estágio supervisionado, experiências marcantes puderam moldar a compreensão sobre práticas pedagógicas inclusivas. Em especial, as interações com alunos com necessidades específicas proporcionaram um desafio em relação a adaptar estratégias e desenvolver abordagens mais sensíveis e criativas. Estas vivências evidenciaram a importância de uma prática docente humanizada, baseada na empatia e na observação atenta das particularidades de cada aluno. A seguir, compartilho duas memórias significativas que ilustram os desafios e aprendizados

vividos, destacando o impacto transformador dessas experiências na formação como professora.

Memória 1: Interação com Márcio Rogério, um aluno com surdez (6º Ano A)

Foi maravilhoso ter conhecido Márcio Rogério, um aluno surdo do 6º ano, durante meu período de estágio. No primeiro momento, a professora me apresentou à turma e, em seguida, me apresentou a ele em particular, por meio de gestos e mímicas, pois ela não sabia Libras. Ele me deu um sorriso que me encheu de coragem para tentar conversar com ele, mesmo sem saber nada de Libras. Sempre fui um pouco ruim com mímicas, e não fazia ideia de como me comunicar.

Foi um grande desafio. Eu não sabia como desenvolver as atividades durante a regência e, principalmente, como auxiliá-lo no período de observação. Ele demonstrava compreender o que estava sendo trabalhado, mas eu não sabia como introduzir um assunto novo sem ao menos conseguir me comunicar com ele. Então, comecei a observar cada gesto que ele fazia e tentei associá-los ao contexto. A sensação era como se eu tivesse perdido minha capacidade de falar. Muitas perguntas surgiam em minha mente: *Será que ele está me entendendo? Será que está gostando da aula? Por que ele está sorrindo? Será que percebe que eu não estou conseguindo explicar?* Essas dúvidas, na maioria das vezes, ficavam sem resposta.

Durante a observação, a professora registrava as atividades dele no caderno. Os conteúdos trabalhados nesse período foram adição, subtração, multiplicação e divisão. Na adição, ele resolvia rápido, mesmo que fosse necessário fazer reservas. Após cada resultado, ele sinalizava para mim, confirmando se estava correto com um legal ou aguardava que eu sinalizasse caso estivesse errado, balançando o dedo.

Na subtração, ele também conseguia realizar as operações, mas demorava um pouco mais, utilizando os dedos para contar. Quando precisava fazer um empréstimo de um número para outro, curvava os dedos para não se confundir na contagem. Sempre que resolvia um problema matemático, esperava minha confirmação para passar ao próximo.

A multiplicação foi mais desafiadora, tanto para ele quanto para mim, na hora de explicar. Ele insistia em resolver as multiplicações somando os números, mas nem sempre isso resultava corretamente. Eu e a professora começamos a usar estratégias como associar a adição à multiplicação e utilizar desenhos de animais, cadernos, canetas e balões para ilustrar as diferenças. Porém, ele ainda resistia a aceitar que,

por exemplo, $4+4=8$ e $4\times 4=16$. Ele dizia, no seu jeito peculiar, que é o mesmo número, só que o sinal está virado, e tem que dar 8.

Em um momento, ele utilizou um desenho de quatro patinhos e mostrou que 2 patinhos + 2 patinhos = 4 e que 2×2 também = 4. Então, questionou por que o outro não poderia ser 8. Essa situação foi difícil de resolver, não apenas matematicamente, mas no sentido de ajudá-lo a compreender e aceitar as diferenças entre soma e multiplicação. A professora, até então, não havia interferido, deixando-me livre para acompanhá-lo e auxiliá-lo.

Durante o intervalo, refleti sobre como resolver essa questão. Tive a ideia de usar os lápis dele como recurso. Peguei os lápis e comecei a compará-los: se eram do mesmo tamanho, tinham a mesma ponta ou cor. Ele ficou curioso, sem entender o porquê das minhas perguntas. Aproveitei esse interesse para fazer associações. Separei 4 lápis + 4 lápis = 8, e ele concordou. Depois, organizei 4 conjuntos de 4 lápis, totalizando 16, e ele finalmente compreendeu por que 4×4 não era 8, mas sim 16.

Expliquei que, embora os lápis parecessem iguais, eles estavam organizados de forma diferente, assim como a soma e a multiplicação possuem lógicas distintas. Esse processo mostrou a importância do material manipulável para ensinar conceitos matemáticos, já que o desenho, por si só, não havia sido suficiente. Essa experiência revelou o quanto é importante ter um olhar mais acolhedor e observador, buscando maneiras de melhorar minha prática docente e alcançar os melhores resultados para meus alunos.

Essa experiência foi extremamente valiosa tanto para minha formação como professora quanto para a minha prática docente. Ela mostrou a importância da paciência, da criatividade e da adaptação no processo de ensino, especialmente ao lidar com alunos que possuem necessidades específicas. Desenvolvi estratégias pedagógicas, utilizei materiais concretos e, principalmente, demonstrei sensibilidade para entender e atender às demandas do aluno. Isso é essencial para construir uma prática docente inclusiva e eficiente.

Memória 2: *Acompanhamento de Ítalo, um aluno autista com rotina específica (6º Ano B):*

Ítalo, um aluno autista, sempre realizava a tabuada completa de um número antes de iniciar as atividades propostas pela professora. Por exemplo, ao trabalhar com a tabuada do 5, ele começava o processo realizando as multiplicações de 5, como

por exemplo: $5 \times 1 = 5$, $5 \times 2 = 10$, e assim por diante, até completar toda a tabuada. Esse ritual acontecia em todas as aulas de matemática, antes de ele dar início às tarefas que a professora estava ministrando. Ao final de cada aula, ele também repetia esse processo com uma nova tabuada. Esse comportamento se repetia sistematicamente em todas as aulas de matemática.

A interação com Ítalo é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Ela demonstra a relevância de práticas pedagógicas individualizadas e reforça o meu papel da professora como mediadora no processo de ensino-aprendizagem. Ao refletir sobre essa experiência, aprimorei habilidades como a empatia, a observação, a criatividade e o planejamento inclusivo, tornando-me mais preparada para lidar com a diversidade no ambiente escolar. Essa experiência no meu estágio II do ensino fundamental em uma turma de 6º ano foi interessante preparar todo o material para esse aluno para que ele pudesse de alguma forma acompanhar o conteúdo.

Essa experiência me fez perceber a importância de reconhecer as individualidades dos alunos. Participar desse processo possibilitou um profundo entendimento sobre minha profissão como professora. Compreendi que ensinar vai além de ministrar aulas; envolve ser amiga, paciente, conselheira e, acima de tudo, um ser humano melhor e mais humilde.

Outro aspecto significativo foi a adaptação das aulas para um aluno com perda de memória recente. Esse desafio exigiu ainda mais dedicação, pois, além de atender a uma turma inteira, foi necessário encontrar tempo e estratégias para ministrar aulas que atendessem às necessidades específicas desses alunos.

A implementação de atividades lúdicas também foi uma estratégia essencial para promover a inclusão e o engajamento dos alunos. Uma das atividades desenvolvidas durante o estágio foi o dominó de frações, no qual os alunos criaram peças de dominó utilizando folhas A4 e papel sulfite.

Essa abordagem prática e interativa permitiu que alunos com diferentes níveis de habilidade participassem de forma significativa. Para os estudantes com PC e deficiência intelectual, as peças do dominó foram adaptadas com cores vibrantes e símbolos mais claros, facilitando a associação entre os números e os conceitos de fração. A atividade não apenas reforçou o aprendizado matemático, mas também promoveu a interação social, criando um ambiente de cooperação e inclusão.

É de se notar que a inclusão não se limita à presença física dos alunos na sala de aula, mas envolve a criação de condições para que esses alunos possam aprender de forma eficaz. Isso se refletiu nas práticas pedagógicas adotadas durante o estágio, como a adaptação de materiais didáticos, o uso de abordagens diferenciadas e a atenção às necessidades individuais de cada aluno. Por exemplo, no ensino de frações, foram produzidos materiais adaptados para alunos com Paralisia Cerebral e outras necessidades, permitindo que todos os alunos, independentemente das limitações, pudessem compreender os conceitos abordados de maneira significativa.

Apesar das dificuldades enfrentadas, fica destacada a importância da interação diária com os alunos, que permitiu compreender suas necessidades individuais e adaptar as estratégias de ensino. A experiência também a ensinou a manter um equilíbrio entre a autoridade necessária para a gestão da sala de aula e a empatia essencial para garantir um ambiente de aprendizagem positivo e inclusivo. A aplicação prática da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi fundamental para o alinhamento dos objetivos educacionais com as diretrizes nacionais, ajudando a construir planos de aula que fossem tanto abrangentes quanto sensíveis às características da turma.

O estágio também ofereceu a oportunidade de refletir sobre a inclusão em um nível mais amplo, ao destacar a importância de políticas educacionais que garantam o suporte especializado necessário para alunos com deficiências. Foi possível reconhecer a urgência de promover ambientes de aprendizagem que acolham e valorizem a diversidade, em consonância com os princípios defendidos por Mantoan (2015), para quem o professor inclusivo não busca eliminar as diferenças, mas sim promover a harmonia e o diálogo entre as diversas vozes da turma, criando um ambiente de aprendizado mais rico e inclusivo. Essas vivências não apenas enriquecem a compreensão sobre a inclusão, mas também fortalecem a determinação da autora em ser uma defensora ativa da educação inclusiva, tanto em sua prática pedagógica quanto em sua futura carreira como professora de Matemática.

A experiência vivenciada no 6º ano do Ensino Fundamental demonstra como a prática pedagógica pode ser enriquecida ao incorporar metodologias que tornam a Matemática mais acessível e envolvente para os alunos, tendo em vista que o ensino de Matemática deve ultrapassar a simples memorização de regras e procedimentos, promovendo uma aprendizagem significativa por meio de desafios e situações que incentivem o pensamento crítico. A introdução ao conceito de frações a partir de

elementos do cotidiano, como pizza e bolo, que veremos mais adiante, permitiu que os estudantes estabelecessem relações concretas antes de lidar com representações mais abstratas. Esse tipo de abordagem dialoga com os princípios defendidos por D'Ambrósio (1996), especialmente no que diz respeito à Etnomatemática, pois leva em conta o conhecimento prévio dos alunos e valoriza suas experiências para tornar o aprendizado mais significativo.

Além disso, a dinâmica adotada na atividade de desenho e representação de frações reflete a importância do lúdico e da interação no aprendizado, pois estimula a participação dos alunos por meio de desafios. A autora incentivou não apenas a compreensão matemática, mas também o desenvolvimento da autoconfiança e da cooperação entre os estudantes. Esse processo que trabalha sobre a construção do conhecimento matemático em sala de aula, que deve ocorrer de forma coletiva e reflexiva, juntamente com a troca de experiências com a professora regente, também foi um fator determinante, pois, como destacam Pimenta e Lima (2004), o estágio supervisionado é um momento essencial para que futuros docentes desenvolvam suas competências pedagógicas, aprendendo a lidar com os desafios da gestão de sala de aula e com a diversidade dos estudantes. Essa experiência demonstra, portanto, que ensinar Matemática vai além da transmissão de conteúdos: trata-se de construir um ambiente inclusivo, dinâmico e que valorize o desenvolvimento integral dos alunos. Tendo em mente as discussões que estamos abordando nesse tópico, é de suma importância também, apresentar um relato de experiência que julgo de vital importância para o entendimento dos processos pedagógicos, criativos e por que não, matemáticos, envolvidos nesse estágio.

No período da regência no 6º ano do Ensino Fundamental, iniciei com o conteúdo de frações, sem começar diretamente com formas matemáticas e contextualização. Para despertar o interesse dos alunos, fiz perguntas como: "Quem gosta de pizza?" e "Quantas fatias tem uma pizza ou um bolo?". Após várias perguntas – incluindo uma bem engraçada, quando um aluno perguntou: "Professora, você vai comprar pizza e bolo para nós?" – comecei a mostrar figuras e a dar as primeiras explicações sobre quantidades de partes. Expliquei o que é uma fração, para que serve e como escrevê-la por extenso.

É maravilhoso ver o interesse dos alunos do 6º ano. Eles estão no auge da criatividade e não têm vergonha de perguntar. Já nas primeiras aulas, surgiram muitas dúvidas, e, com poucos dias, eu já me sentia bem mais segura para ministrar as aulas.

O apoio e as dicas da professora regente foram fundamentais para que eu conseguisse gerenciar a turma de maneira mais eficiente.

Como ela já estava há mais tempo com a turma, foi me ajudando a manter a ordem e o interesse dos alunos. Seu apoio foi imenso, até mesmo em relação ao controle dos momentos em que os alunos saíam para beber água ou ir ao banheiro. Foi um aprendizado surreal perceber a importância de saber a hora certa para permitir essas saídas, observando quem demora mais e quem retorna rapidamente. Não se trata de permitir que saiam como se estivessem no intervalo, mas também não de restringi-los a ponto de prejudicá-los.

Além disso, é fundamental ter controle e compreender cada caso individualmente. Por exemplo, não há como pedir para um estudante autista esperar sua vez para beber água enquanto outros dois já saíram. Esse é um momento em que não apenas a ordem e a disciplina se fazem presentes, mas também a responsabilidade com o outro.

Esses acontecimentos foram essenciais para a minha formação profissional e pedagógica. A experiência em sala de aula me permitiu desenvolver habilidades de planejamento, didática e gestão de turma. Aprendi a importância de estratégias que envolvem os alunos no aprendizado, tornando as aulas mais dinâmicas e significativas. Além disso, compreender o comportamento dos estudantes e saber lidar com diferentes necessidades e ritmos de aprendizagem me fez crescer como futura educadora.

A convivência com a professora regente também foi enriquecedora, pois pude observar sua prática e aplicar seus conselhos no meu próprio desenvolvimento. Saber lidar com desafios diários, como a disciplina e a organização da turma, foi um aprendizado valioso que levarei para minha trajetória docente. Esses momentos reforçaram minha vocação para a educação e a importância de um ensino humanizado, que respeita as particularidades de cada aluno.

Em outra aula, fizemos um desafio no quadro em que os estudantes deveriam desenhar uma figura representando a fração retirada da caixa ou escrever a fração que representava a figura. No início, eles estavam um pouco tímidos, mas, à medida que os primeiros foram participando, os demais começaram a se interessar também.

Foi uma experiência significativa, com muitas risadas. Eu fui a primeira a retirar uma figura e, por coincidência, saiu um pentágono. Isso gerou muitas risadas entre os alunos ao verem minha tentativa de desenhá-lo. Em seguida, foi a vez de cada um

deles. Conforme avançavam no desafio, perceberam que não era tão fácil quanto parecia. Muitos hesitaram, dizendo que não queriam participar porque tinham medo ou vergonha de errar.

No entanto, com o incentivo das professoras e dos colegas, todos acabaram participando. Márcio Rogério, por coincidência, tirou a mesma figura que eu. Os colegas tentaram convencê-lo a desenhar outra para representar a fração, mas ele, muito convicto do que queria, disse que não, que faria aquela mesma. Depois de algumas tentativas, ele conseguiu, e todos o parabenizaram com aplausos e abraços, Paulo Freire (1996), na obra intitulada *Educação Dialógica*, defende que a aprendizagem acontece de forma participativa e crítica. O fato de os colegas incentivarem Márcio Rogério e ele persistir até conseguir demonstrar a importância do aprendizado colaborativo e da valorização da autonomia do estudante.

Esses teóricos reforçam que o apoio social, a experimentação e a valorização das escolhas do aluno são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, especialmente em um contexto inclusivo.

A aula terminou com muita diversão e aprendizado, tornando-se uma experiência marcante para todos. Além de revisar o conteúdo de frações, os alunos trabalharam a autoconfiança e o espírito de cooperação, tornando o aprendizado ainda mais significativo.

Em síntese, o relato de experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado evidenciou os desafios e as possibilidades de superação por meio de práticas pedagógicas inclusivas. Por exemplo, Márcio Rogério, um aluno surdo do 6º ano, proporcionou uma dessas experiências enriquecedoras. Logo ao ser apresentada à turma, a licencianda foi informada pela professora regente sobre a presença de Márcio e a necessidade de se comunicar com ele por gestos e mímicas, já que nenhum dos profissionais na escola dominava a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Mesmo sem saber como interagir inicialmente, houve a necessidade de buscar formas alternativas de se comunicar, observando os gestos de Márcio e tentando associá-los ao contexto da aula. Esse esforço foi fundamental para criar uma conexão, mesmo diante das limitações comunicativas.

A experiência com Márcio Rogério deixa claro um problema comum nas escolas: a falta de professores capacitados em Libras e de um apoio adequado para alunos surdos. Sem um profissional especializado, a comunicação se torna um

desafio, e o aluno pode acabar excluído das atividades, mesmo estando fisicamente presente na sala de aula.

O ideal seria que toda escola contasse com um intérprete de Libras, garantindo que alunos surdos tenham o mesmo acesso ao conhecimento que os demais. No entanto, a realidade é bem diferente. Muitas vezes, o professor regente precisa improvisar estratégias para se comunicar, sem ter uma formação adequada para isso. Isso mostra como é fundamental que os professores recebam formação em Libras, pelo menos no nível básico, para que possam interagir minimamente com esses alunos.

Além disso, é preciso refletir sobre o papel das instituições de ensino e das políticas públicas na promoção da inclusão. Não basta apenas colocar um aluno surdo em uma sala regular e esperar que ele acompanhe o conteúdo sozinho. É necessário que as escolas tenham recursos, suporte pedagógico e formação continuada para os professores, garantindo que a inclusão não seja apenas uma ideia bonita no papel, mas uma prática real no dia a dia escolar. Afinal, a educação inclusiva só acontece de verdade quando todas as barreiras são eliminadas e todos os alunos têm as mesmas oportunidades de aprendizagem.

Durante as atividades de Matemática, Márcio demonstrava compreender alguns conceitos básicos, como adição e subtração, mas encontrava dificuldades em operações mais complexas, como multiplicação. Ao perceber que os desenhos utilizados não estavam sendo suficientes para ajudá-lo a compreender a lógica da multiplicação, a licencianda recorreu a materiais concretos, como lápis e objetos pessoais do próprio aluno. Essa estratégia, além de tornar as aulas mais dinâmicas, possibilitou que Márcio finalmente compreendesse a diferença entre adição e multiplicação, ao visualizar a organização distinta dos conjuntos. Esse momento foi um marco tanto para o aluno quanto para a professora em formação, pois revelou a importância da criatividade, da paciência e do uso de recursos concretos no ensino inclusivo.

Essa experiência mostra que a inclusão escolar prevê práticas pedagógicas que atendam a todos os alunos. Para Mantoan (2003, p. 36) “os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um”. Portanto, não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, e sim de o professor de matemática agir com realismo e coerência.

Outra experiência significativa ocorreu com Ítalo, um aluno autista que apresentava um comportamento ritualístico: antes de iniciar qualquer atividade de Matemática, ele fazia questão de recitar a tabuada completa do número em questão. Essa prática, embora desafiadora no início, tornou-se uma oportunidade para que a licencianda desenvolvesse estratégias pedagógicas individualizadas. Ao respeitar o ritual de Ítalo e integrá-lo à dinâmica da aula, ela conseguiu não apenas engajá-lo nas atividades, mas também demonstrar aos demais alunos que cada indivíduo aprende de maneira diferente. Essa experiência destacou a importância de reconhecer as individualidades dos alunos e adaptar as práticas pedagógicas para atender às suas necessidades específicas, reforçando o papel da empatia e da observação na formação docente.

3.3 O Aprender a Ser Professor na EJA

Apesar das dificuldades, os alunos da EJA demonstraram muita motivação, buscando na educação uma oportunidade de transformação pessoal e profissional. Essa motivação, entretanto, foi desafiada por fatores externos, como responsabilidades familiares e demandas do trabalho, que, em alguns casos, contribuíram para a evasão escolar. Essa realidade reforça a necessidade de políticas públicas que promovam maiores suporte a esses estudantes, possibilitando a continuidade dos estudos.

As aulas nas turmas de EJA da 3ª e 4ª etapa foram realizadas no período noturno, com poucos alunos. Na 3ª etapa, havia apenas três alunos frequentes e, ao final do estágio, esse número aumentou para cinco, representando um avanço para a turma. Percebi que, apesar de estudarem juntos, eles não se conheciam e nem sabiam o nome dos colegas.

Para quebrar esse distanciamento, apresentei-me e fiz algumas perguntas para conhecê-los melhor, como: "Vocês fazem trabalhos juntos?" e "Durante o dia, vocês trabalham com o quê?". Aos poucos, fui entendendo mais sobre suas realidades. Em relação ao conteúdo, notei que a 3ª etapa estava mais avançada que a 4ª.

A turma da 4ª etapa do ensino fundamental apresentava dificuldades de concentração e raramente entregava as atividades. Muitos alunos enfrentavam desafios até mesmo para resolver operações básicas com números pequenos. Para ajudá-los, conversei com a professora e sugeri a realização de atividades diárias

focadas em uma única operação matemática por vez, até que ganhassem segurança para resolver questões mais complexas. Assim, iniciamos um processo gradual de aprendizado. Embora a soma $12 + 13$ pareça simples para muitos, essa era exatamente a dificuldade que encontrei ao trabalhar com essas turmas. O ensino-aprendizagem ocorreu de maneira mais lenta, mas cada progresso foi uma conquista valiosa.

Acredito que o professor não deve ser lembrado apenas por sua bondade em não exigir muito dos alunos, mas sim pelo impacto positivo que causa no aprendizado deles. O reconhecimento de um estudante que nunca havia compreendido determinado conteúdo e que, com aquele professor, tudo passou a fazer sentido, é extremamente gratificante. Muitas vezes, o desafio não está em ensinar de apenas uma maneira, mas sim no medo de inovar e não obter resultados imediatos. No entanto, crescer e se adaptar é fundamental.

Na turma da 4ª etapa, realizei um bingo das operações matemáticas para tornar a aula mais dinâmica. Aprender através de brincadeiras se mostrou uma estratégia eficaz e motivadora. Após a atividade, retomamos as tarefas convencionais, e percebi um maior engajamento dos alunos. Essa abordagem lúdica ajudou a despertar o interesse e tornou o aprendizado mais prazeroso.

Ao longo do estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), houve desafios que exigiram adaptação e resiliência. Desde a baixa frequência de alunos até dificuldades básicas em operações matemáticas, cada obstáculo representou uma oportunidade de aprendizado e crescimento profissional. A necessidade de criar estratégias acessíveis e dinâmicas, como o bingo matemático, demonstrou como o ensino lúdico pode despertar o interesse dos estudantes e proporcionar avanços significativos no aprendizado. Com o tempo, percebeu-se que, mais do que transmitir conteúdos, era essencial estabelecer um ambiente acolhedor, onde os alunos se sentissem motivados a participar e aprender.

A experiência mostrou como o ensino da matemática na EJA precisa ser flexível e humanizado, respeitando o ritmo e as necessidades dos alunos. Muitos chegam com dificuldades em conteúdos básicos, como frações e equações, o que torna essencial revisar esses conceitos antes de avançar.

Além disso, é importante que a matemática faça sentido no dia a dia dos estudantes. Trabalhar problemas práticos, como cálculos financeiros ou medições, ajuda a tornar o aprendizado mais útil e acessível. Isso significa que a formação dos

professores deve ir além da teoria, preparando-os para adaptar suas estratégias e tornar a matemática mais compreensível e aplicada à realidade dos alunos. Como destaca Ferreira (2022, p. 33):

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que possui grande importância educativa, política e social. Educativa porque ensina, cria as possibilidades para construção do conhecimento aos alunos desta etapa de ensino, política porque oferece condições para o desenvolvimento do senso crítico e da cidadania e social, por oferecer inclusão, por dar oportunidade aos marginalizados socialmente pela falta de estudo na idade correta.

Essa realidade ficou evidente ao longo do estágio, onde cada avanço, por menor que fosse, representava um passo significativo na trajetória dos alunos. O estágio supervisionado, fundamentado em diários de campo e reflexões sobre as práticas adotadas, revelou a necessidade de constante adaptação do professor. A flexibilidade pedagógica e a criatividade foram essenciais para superar os desafios encontrados. Além disso, a experiência reafirmou que o impacto do professor vai além do ensino de conteúdos formais; ele influencia a autoestima e a confiança dos alunos, proporcionando-lhes novas perspectivas e oportunidades. Enfrentar as dificuldades da EJA não foi apenas um teste de habilidades pedagógicas, mas um momento crucial para compreender a verdadeira essência da docência: transformar vidas por meio da educação.

3.4 O Docente de Matemática inserido no Ensino Médio

A experiência no Ensino Médio proporcionou desafios e aprendizados significativos ao longo do estágio supervisionado. As aulas foram ministradas com foco no ensino de funções, passando por conceitos fundamentais e avançando gradativamente conforme o nível de compreensão dos alunos. A abordagem metodológica combinou explicações expositivas e práticas, utilizando exemplos concretos antes de apresentar a formulação matemática dos conteúdos.

As atividades tiveram início com a correção de exercícios sobre monômios e polinômios, feita de forma detalhada, explicando cada passo e os erros mais comuns. Para tornar o aprendizado mais interessante, foram usados exemplos práticos, atividades em grupo e desafios graduais, permitindo que os alunos revisassem o conteúdo de maneira mais dinâmica. Essas estratégias ajudaram a reforçar a compreensão e a aplicação dos conceitos na resolução de problemas garantindo que os alunos tivessem uma base sólida antes de avançar para funções. Em seguida, foi

introduzido o conceito de função do 1º grau, inicialmente demonstrado de forma prática e, posteriormente, estruturado matematicamente. Para reforçar o aprendizado, cada novo tópico foi acompanhado de exercícios, revisões e correções detalhadas no quadro. A progressão do conteúdo incluiu a construção e interpretação de gráficos, além da diferenciação entre funções crescentes e decrescentes.

Um dos principais desafios enfrentados foi a necessidade de adaptar o ritmo das aulas às dificuldades apresentadas pelos alunos. Por exemplo, a introdução da função exponencial precisou ser adiada, pois os estudantes demonstraram dificuldades com conceitos básicos de exponenciação. Assim, optou-se por revisar esse tema antes de avançar, garantindo uma melhor compreensão antes de abordar novos conteúdos. As últimas aulas foram organizadas com atividades individuais e em grupo, além de momentos de correção e esclarecimento de dúvidas.

O processo avaliativo ocorreu de maneira contínua, por meio da observação do desempenho dos alunos e da análise de suas produções em atividades práticas. Recursos como o quadro branco, pincéis e exercícios impressos foram utilizados para auxiliar no ensino e reforçar os conceitos apresentados. A relação entre professora e estudantes foi, de modo geral, positiva, com a participação ativa dos alunos, tanto com perguntas relacionadas à matéria quanto com questionamentos mais informais. Esse contato próximo possibilitou um ensino mais interativo e dinâmico.

No 1º ano do ensino médio, muitos alunos vêm da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que gera algumas lacunas de aprendizado que precisam ser trabalhadas para garantir a continuidade do ensino, as dificuldades estão tanto no conteúdo matemático quanto na forma como aprenderam anteriormente. Alguns têm problemas com operações básicas, frações e gráficos, o que dificulta a compreensão de funções. Outros estão acostumados a memorizar fórmulas sem entender o conceito por trás delas, o que torna o aprendizado mais mecânico. Para lidar com essas dificuldades, é importante que o professor revise conceitos essenciais, use exemplos do dia a dia e incentive a resolução de problemas de forma mais dinâmica. Dessa forma, os alunos conseguem acompanhar melhor o conteúdo e se sentir mais confiantes no aprendizado da matemática.

Durante meu período de regência, o conteúdo abordado foi função. Em algumas aulas, os estudantes conseguiam acompanhar o avanço dos temas, enquanto em outras foi necessário reforçar conceitos e propor atividades adicionais para melhorar a compreensão.

Lecionar para essa turma foi um desafio, principalmente porque muitos alunos tinham idades próximas à minha. Isso, em alguns momentos, dificultou a manutenção da disciplina, pois alguns confundiam meu papel como professora com o de uma colega. No entanto, após um diálogo franco e esclarecedor, conseguimos estabelecer limites e ajustar a dinâmica em sala. Além disso, o apoio da professora regente foi essencial para garantir um ambiente mais organizado e produtivo, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem ocorresse de maneira mais eficaz.

A experiência no Ensino Médio consolidou a importância da flexibilidade e da adaptação no ensino. A necessidade de revisar conteúdos, ajustar metodologias e compreender as particularidades de cada turma foram fatores fundamentais para o sucesso das aulas. O estágio supervisionado proporcionou um aprendizado valioso, preparando a estagiária para os desafios da prática docente e reforçando sua capacidade de planejar, executar e avaliar estratégias pedagógicas eficazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio supervisionado revelou-se fundamental para a formação docente, contribuindo de forma significativa para o amadurecimento profissional e pessoal da autora. Em cada etapa, os desafios e aprendizados vivenciados consolidaram a importância de uma formação prática onde estão juntas a teoria e vivência no ambiente escolar. Desde o primeiro estágio, centrado na gestão escolar, foi possível compreender a complexidade da administração de uma instituição de ensino e a necessidade de um gestor comprometido, responsável e que saiba trabalhar em equipe. Apesar de algumas limitações de acesso a documentos essenciais, a vivência mostrou-se enriquecedora, ampliando a percepção sobre os desafios que permeiam a gestão educacional.

No estágio com turmas do 6º ano, a prática proporcionou não apenas o cumprimento de um requisito acadêmico, mas a construção de uma base sólida para o exercício da docência, evidenciando a relevância do papel do professor no desenvolvimento integral dos estudantes. Essa etapa reforçou a motivação para a busca constante por inovação e melhoria na prática pedagógica. A vivência na Educação de Jovens e Adultos (EJA), por sua vez, destacou a importância de metodologias inclusivas e adequadas às particularidades dessa modalidade de ensino, além de ressaltar a necessidade de políticas educacionais que garantam qualidade e respeito à diversidade no processo educativo.

O estágio realizado no Ensino Médio, e os desafios enfrentados como a adaptação de metodologias e o engajamento dos estudantes, trouxeram reflexões valiosas sobre a responsabilidade social do professor enquanto agente transformador. A experiência reafirmou a importância de abordagens pedagógicas diversificadas e de um compromisso genuíno com a formação crítica e cidadã dos alunos. O apoio recebido por parte da professora regente e da comunidade escolar demonstrou o impacto de uma rede de colaboração para o sucesso das atividades docentes.

Como principal conclusão, é possível afirmar que o estágio supervisionado não é apenas um componente curricular, mas um momento essencial para a consolidação da identidade profissional do futuro professor e é muito mais do que uma exigência curricular; é uma fase essencial na formação do professor. É nesse momento que o futuro docente se depara com a realidade da sala de aula, aprende a lidar com desafios reais e desenvolve não apenas habilidades pedagógicas, mas também uma

visão crítica sobre a educação. Mais do que aplicar teoria na prática, o estágio ajuda a construir a identidade profissional, incentivando reflexões e adaptações que tornam o ensino mais inclusivo e significativo. Ele permite que a teoria ganhe vida na prática, desenvolvendo competências indispensáveis à atuação docente e promovendo reflexões sobre os caminhos para uma educação mais inclusiva e de qualidade.

Para futuras pesquisas, seria pertinente aprofundar as análises sobre a formação continuada de professores e a efetividade das políticas educacionais no suporte à prática docente. Além disso, investigar como diferentes metodologias podem impactar o aprendizado em modalidades específicas, como a EJA, e em contextos desafiadores, como o Ensino Médio em escolas do interior, poderia contribuir para enriquecer o debate e aprimorar a formação docente. A experiência relatada evidencia que, apesar das dificuldades, a docência é um campo fértil para a transformação e o crescimento pessoal e social, reafirmando o compromisso com a educação como um caminho para a construção de uma sociedade mais justa e consciente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E.; PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: reflexões e práticas**. Campinas: Papirus, 2014.

BARREIRO, J. A.; GEBRAN, G. L. **O estágio na formação de professores: desafios e possibilidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm. Acesso em: 15 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 maio 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Porque ensina matemática**. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/download/10542/7012>. Acesso em: 15 maio 2023.

FERREIRA, Nataniel da Silva. **Matemática na EJA: um estudo das perspectivas dos professores sobre o ensino da matemática**. João Pessoa: UFPB, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2º grau. Série Formação do Professor).

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARQUES, Jardel Delgado. Resenha do livro "Inclusão escolar - O que é? Por quê? Como fazer?". Revista Educação Pública, v. 20, nº 45, 24 de novembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/45/resenhado-livro-inclusao-escolar-o-que-e-por-que-como-fazer>. Acesso em: 25 Jan. 2025.

MORAES, M. C. **O estágio supervisionado e a formação de professores: uma perspectiva reflexiva**. São Paulo: Editora Moderna, 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e formação de professores: a prática pedagógica em debate**. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível em:

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ROSA, Ana Paula Marques da; GOI, Mara Elisângela Jappe. **Teoria socioconstrutivista de Lev Vygotsky**: aprendizagem por meio das relações e interações sociais. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 24, nº 10, 26 de março de 2024. Disponível em:

SILVESTRE, I.; VALENTE, J. A. **Identidade profissional e formação docente**: a experiência do estágio. Curitiba: Editora CRV, 2014.